ISMAEL DE ANDRADE PORDEUS

LUÍS BARROS

Inegàvelmente, setembro foi um trágico mês para a cultura do Ceará.

Com a diferença de poucos dias, desapareceram do mundo dos vivos Ismael Pordeus e a Dra. Henriqueta Galeno, perdas irreparáveis e que tiveram profunda ressonância no meio intelectual e social da terra alencarina.

Designou-me o Instituto do Ceará para fazer o necrológio do nosso consócio Ismael de Andrade Pordeus. Recebi tal incumbência com um misto singular de tristeza e alegria. Ismael Pordeus foi uma das melhores amizades que tive a boa fortuna de usufruir. A princípio, tivemos contatos ocasionais e de natureza puramente administrativa. Depois do nosso ingresso no Instituto do Ceará, em 25 de agôsto de 1955, houve um convívio mais íntimo, que permitiu averiguar nossa afinidade de idéias e o tempo consolidou nossa amizade. Procurava-o sempre e nossas longas e amistosas palestras já constituíam um hábito meu, profundamente arraigado.

Por isso, ao regressar de uma breve viagem, recebi a notícia brutal do seu falecimento inesperado, profundamente emocionado e pesaroso, compartilhando, com os seus amigos e parentes, a grande mágoa do seu desaparecimento.

Fiquei satisfeito quando tive conhecimento da indicação do meu nome para falar sôbre Ismael Pordeus, sendo um dos motivos determinantes dessa resolução dos meus confrades a amizade estreita e profunda que nos ligava. E falar dos amigos que já desaparece-

---

(*) Discurso pronunciado por Luís Barros na sede do Instituto do Ceará, em Fortaleza, no dia 20 de outubro de 1964, como orador do Instituto, fazendo o necrológio de Ismael de Andrade Pordeus, falecido a 6 de setembro de 1964, em Fortaleza-Ceará.

ram será sempre uma tarefa grata e salutar aos nossos corações porque, inegàvelmente, são as boas e sólidas amizades um verdadeiro refrigério espiritual, no meio dos problemas e canseiras da dura vida cotidiana, em uma sociedade materializada ao extremo, que se procura tornar quase mecânica, relegando a um plano secundário os valôres supremos da cultura e de espírito.

II — ISMAEL PORDEUS — LIGEIROS TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Pode-se dizer que Ismael de Andrade Pordeus teve uma vida laboriosa e movimentada, dedicada a estudos e pesquisas de natureza histórica e aos cuidados e educação de sua família.

Isso que deixamos ligeiramente enunciado forma um verdadeiro programa de vida, pois o trabalho e a família constituem as aspirações mais legítimas e nobres dos espíritos bem formados, dos que têm a boa fortuna de possuir uma concepção baseada no espírito cristão e católico. E que, por isso mesmo, nunca se podem queixar de que nada têm que fazer. E que apenas lamentam que as contingências da vida material roubem tempo aos estudos e pesquisas das ciências de sua predileção. E que obstem a um convívio mais íntimo e demorado com as pessoas da família, cujas necessidades e educação têm obrigação de prover, na medida do possível.

Nasceu Ismael Pordeus a 25 de dezembro de 1912, na cidade de Quixeramobim, sendo filho legítimo de Rafael Pordeus Costa Lima e de Maria de Jesus Andrade Pordeus, já falecidos. Fêz seus primeiros estudos em sua terra natal, em Canindé e na Paraíba. Não chegou a se formar.

Consorciou-se no dia 1.º de outubro de 1939, com D. Augediva Maria Jucá Pordeus, tendo os seguintes filhos: Francisco José e Marcelo (falecidos), Antônio Mauro, Maria de Jesus, Ana Maria, Ismael Júnior, Ana Lúcia, Ana Elizabeth, Augediva Maria e Marta Maria.

Ingressou no serviço público estadual como Secretário da Escola de Menores Abandonados e Delinqüentes, cargo para o qual foi nomeado por ato de 2-3-1936, e que foi transformado em Técnico de Educação, padrão M, pela Lei n.º 1 471, de 21-12-1945. Passou depois a Secretário, padrão P, cargo criado pelo Decreto-Lei n.º 1 621, de 15-1-1946.

Prova evidente de seu espírito de pesquisador da história é que como servidor público estadual não se limitava ao simples expediente burocrático, numa repartição monótona, de normas obsoletas e consagradas pelo uso, é que dessa sua longa permanência no Instituto Carneiro de Mendonça, órgão em que se transformou a Escola de Menores Abandonados e Delinqüentes, resultou um trabalho de fôlego. E que instituiu **O menor abandonado no tempo do**

Ceará Província, série de 49 artigos publicados no jornal "O Nordeste" tendo saído a sua primeira contribuição em dezembro de 1955 e o segundo artigo em 15-12-1955.

Não viveu confinado na rotina burocrática, como, infelizmente, fazem tantos funcionários públicos. Soube projetar-se através do tempo e desempenhou, a contento, numerosas comissões, que provam tanto a sua capacidade intelectual como uma invulgar capacidade de trabalho.

É assim que foi designado para responder pelo expediente da Diretoria do Instituto Carneiro de Mendonça três vêzes, por atos de 9-11-1945, 13-8-1946 e 4-4-1951. Foi nomeado Diretor-Geral da Secretaria de Polícia em 30-10-1953. Estêve à disposição do Banco do Nordeste e do Juizado de Menores, em 1956, 1957, bem como da Diretoria do Forum em 21-2-1951 e do Arquivo Público em 7-5-1947.

Nomeado Comissário de Vigilância do Juizado de Menores, por Portaria n.º 2, de 25-11-1949, serviu naquele importante órgão da justiça até 1951. Desempenhou ainda outras comissões de relêvo. Assim é que estêve designado para proceder à organização da Secretaria do Conselho de Assistência aos Municípios e compôs a Comissão de Reajustamento dos Inativos e Pessoal Extranumerário por ato de 19-1-1960. Também estêve em Recife, oficialmente, tratando de interêsse da Secretaria de Polícia.

Na gestão do General Manuel Cordeiro Neto à frente da Prefeitura Municipal de Fortaleza, no período de 25-3-1959 a 25-3-1963, foi designado Secretário da Educação por ato de 4-4-1959. Prestou relevantes serviços naquele setor da administração municipal, tendo sido comissionado para ir ao Rio de Janeiro, em objeto de serviço, por ato de 19-5-1960.

O último cargo público que desempenhou foi o de Técnico de Pesquisas Históricas, lotado no Arquivo Público, para o qual foi nomeado por ato de 23-1-1963 (D.O. de 23-1-1963), tendo prestado compromisso em 25-1-1963.

Ora, quem estuda e debate problemas administrativos, verifica logo que um dos grandes defeitos da máquina estatal é uma imperfeita classificação de cargos e funções. Obstáculo sério, e, por vêzes, mesmo, insuperável na boa solução dos casos e coisas da administração pública. Como se sabe, nesse setor, infelizmente, vigora um estado crônico de atropêlo, confusão, duplicidade de tarefas, agravado ainda com o poderoso entrave da política partidária contra a boa técnica, a racionalização dos serviços e a adoção de novos processos administrativos. Mas, não deixa de ser confortador se saber que, no Estado do Ceará, já foi criado um cargo de Técnico de Pesquisas Históricas e que para seu titular o poder público designou Ismael de Andrade Pordeus, realizando-se assim uma perfeita integração entre o homem e a função.

Infelizmente, para nós e para a própria administração pública, Ismael Pordeus só pôde desincumbir-se dessa importante tarefa por pouco mais de um ano, pois falecia, inesperadamente, a 6 de setembro do corrente ano, causando êsse infausto acontecimento profundo abalo e consternação entre seus parentes, amigos e confrades.

III — ISMAEL PORDEUS O PESQUISADOR

O estudo da história reclama não só pesquisas árduas como também uma interpretação profunda dos dados e elementos que se podem dispor, para firmar conceitos seguros e racionais, de cunho científico, sôbre vultos e fatos da vida dos povos e das nações.

Constitui mesmo motivo de severa censura, por parte dos críticos, a imperdoável leviandade dos que se lançam a escrever ou emitir opiniões sôbre assuntos históricos sem o devido preparo e sem o pleno domínio dos segredos e obstáculos que se têm de enfrentar para o fiel desempenho de operação intelectual de tanto relêvo e complexidade.

Daí afirmar o vulgo ocioso e ignāro que a história é a mentira oficializada e que quase não há fronteiras entre o romance e a história. Ambas são produtos da imaginação criadora e quando não há conhecimentos de um assunto inventam-se detalhes, deturpam-se outros e que é assim que se descreve e se interpreta a realidade vasta e complexa dos fatos sociais.

A injustiça dêsse conceito desprimoroso é feita todos os dias, mas, com a obstinação fatal dos juízos falsos, persistem, com teimosa insistência, os preconceitos e absurdos contra o estudo e o ensino da história.

Ismael Pordeus é, por exemplo, um solene e cabal desmentido a isso.

Com seu espírito terrìvelmente analítico, ao ir estudar e debater um assunto, procurava colhêr todos os dados e elementos que, porventura, existissem a respeito. Não tinha pressa em concluir o trabalho. Paciente, tenaz, e, de modo sistemático, dia a dia, buscava e reunia material. Lia muito, tomava notas intermináveis e percorria os arquivos e cartórios, procurando certidões de nascimento e de óbitos, processos civis e criminais, e, no fim de contas, aparecia com uma verdadeira monografia a respeito do assunto.

Não escrevia artigos ou trabalhos curtos, aflorando assuntos, passando, por alto, sôbre certos detalhes, quiçá importantes. Procurava, tanto quanto possível, penetrar o âmago das questões. Não se contentava em saber pela rama e jamais foi um superficial ou diletante nos estudos da história.

Era um apaixonado pela pesquisa e pelas coisas do passado. E êsse amor pelo passado não implica, em absoluto, como pode parecer aos superficiais, menosprêzo pelas coisas e problemas da atualidade, e sim um complemento maior ainda de que se pode pensar de gôsto pelas reformas úteis e necessárias, aliado ao culto pelas tradições.

Por exemplo, Ismael Pordeus foi um dos grandes propagandistas da interiorização da capital do Brasil, sendo um entusiasta da fundação de Brasília, idéia que sempre mereceu seu integral apoio. Chegou até a escrever um de seus melhores trabalhos intitulado **Raízes Históricas de Brasília.**

Todos os seus estudos assentavam sôbre pesquisas sólidas, farta documentação e exibição vasta de citações e elementos os mais ricos e variados possíveis.

Escreveu **Antônio Dias Ferreira e a matriz de Quixeramobim,** série de 51 artigos publicados no jornal "O Nordeste" de 16-8-1955 em diante, sob o epígrafe **Subsídios históricos para as festividades do bicentenário da Paróquia,** que foram realizados de 8 a 15 de julho de 1955. Segundo notícia do "O Nordeste" de 13-4-1957, êsse trabalho seu iria ser comentado na imprensa da Alemanha.

Tomou parte ativa nos festejos comemorativos do 1.º centenário da cidade de Quixeramobim em 14-8-1956.

Publicou ainda: **O menor desvalido no tempo do Ceará Província**, série de 49 artigos publicados no jornal "O Nordeste", **No tempo de nossos avós**, **Ruas numeradas**, onze artigos em "O Nordeste", de 4-8-1963 em diante, seguindo-se mais três artigos sob a mesma série intitulados Concretismo· **O prestígio dos nomes, Um batizado com água do Rio Jordão**. Escreveu ainda dezessete artigos sôbre o discutido assunto da fundação de Fortaleza, em "O Nordeste", de 30-1-1962 até 5-5-1963, tendo ainda outra contribuição intitulada **A fundação de Fortaleza e o Instituto do Ceará,** publicada em "O Nordeste" de 23-9-1962.

Os melhores trabalhos de Ismael Pordeus são **Raízes Históricas de Brasília** e **À Margem de D. Guidinha do Poço**, em que fêz a sensacional descoberta de o célebre romance de Oliveira Paiva ter sido baseado em um fato real ocorrido na cidade de Quixeramobim.

IV — RAÍZES HISTÓRICAS DE BRASÍLIA

A idéia da interiorização da capital do Brasil remonta aos tempos idos. Os inconvenientes das capitais litorâneas há muito que vinham sendo assinalados nos debates dos estudiosos e administradores. Houve sempre quem considerasse que a localização da capital do Brasil devia ser feita em um ponto central, onde a ação do po-

der público se fizesse sentir, de modo igualmente eficaz, para tôdas as partes do país. E não ser situada mais no sul do que no norte, como veio a ocorrer depois da mudança da sede do govêrno de Salvador para o Rio de Janeiro. Êsse fato se deu em 1763, em conseqüência do ciclo de ouro que deslocou, abruptamente, e contra a política econômica do norte para o sul, com evidentes prejuízos para as demais regiões do país.

Além dêsse motivo administrativo, houve inúmeros outros argumentos de natureza geográfica, política e econômica, que vêm magistralmente expostos no livro do Brigadeiro Lisias Rodrigues intitulado **Geopolítica do Brasil.**

Com seu espírito de pesquisador emérito, no ano de 1960, quando se operou a auspiciosa transferência, Ismael Pordeus publicou, na Imprensa Oficial do Ceará, longo trabalho de 160 páginas, rastreando o lento progredir dessa idéia, afinal vencedora, depois de 171 anos de tortuosa peregrinação.

Mostra, com documentos irrefutáveis, que essa idéia surgiu pela primeira vez, na Inconfidência Mineira, daí por que a transferência veio a ocorrer em 21 de abril, dia em que se comemora a execução de Tiradentes, como justa homenagem à sua imperecível memória.

Reponta depois, em 1810, em uma memória do Chanceler Antônio Rodrigues Veloso de Oliveira, dirigida ao então Príncipe Regente D. João, futuro Rei D. João VI. E citando uma carta de Luís Joaquim dos Santos Marrecos, o célebre memorialista do tempo de D. João VI, alude que a idéia da mudança remonta a D. Luís da Cunha, não podendo precisar em que data isso possa ter ocorrido, por falta de documentação, assinalando, todavia, a urgente necessidade de acurada investigação para esclarecimento do assunto. Cita a seguir opiniões de Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça no "Correio Braziliense", em 1813 e 1816, de José Bonifácio de Andrada e Silva e Antônio Carlos, em 1821, 1823. E, na regência, se manifestam a favor: Antônio Ferreira França e Ernesto Ferreira França, em 1833, o grande historiador Varnhagen em 1839, 1845, 1850 e 1851, seguindo-se, no 2.º império, o Marquês de Sapucaí, em 1852, o Senador Holanda Cavalcante, em 1853, os Senadores José Matias da Cruz Jobim em 1870, 1875, e ainda Vernhagen em 1875. E, por último, o Senador Virgílio Damásio e Tomaz Delfino e Oliveira Pinto no 1.º congresso republicano.

Afinal, depois de muitas discussões e emendas, o projeto foi consubstanciado no art. 3.º das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 24-2-1891.

Daí em diante, a idéia desaparece dos discursos parlamentares, até ressurgir no período presidencial de Juscelino Kubitschek, que efetuou a mudança em 21-4-1960.

O trabalho de Ismael Pordeus acompanha, minuciosamente, o projeto de interiorização desde a Inconfidência Mineira até 1891, sendo um modêlo de paciente investigação histórica, que corrige inúmeros erros cometidos pelos que trataram do assunto.

V — À MARGEM DE D. GUIDINHA DO POÇO

Na unânime opinião dos estudiosos das coisas do Ceará, o melhor trabalho de Ismael Pordeus, sem desmerecer o valor de outros, é, sem dúvida alguma, a sensacional descoberta que fêz em provar e comprovar que o célebre romance de Oliveira Paiva, intitulado **D. Guidinha do Poço**, assentava sob um fato real verificado, em Quixeramobim, no ano de 1853.

Dizia Joaquim Manuel de Macedo, o popular autor de **A Moreninha**, que a maioria dos romances tinha por base fatos reais, constituindo o maior trabalho dos romancistas em modificar pessoas e fatos reais, de modo que seus verdadeiros protagonistas não se identificassem com muita facilidade.

Ismael Pordeus, se não conhecia essa opinião de Macedo, todavia, parecia pressentir essa aproximação, como se depreende dessas palavras suas inscritas logo no início do seu magnífico trabalho de pesquisa: "A acolhida elogiosa votada pela crítica literária nacional a **Dona Guidinha do Poço** levou-nos à leitura dessa obra de Manuel de Oliveira Paiva.

Logo nos primeiros capítulos — qual não foi nossa surprêsa! — nos sentimos em frente a cenários que não eram estranhos, mas quase familiares, porque do município onde nascemos e vivemos, até à mocidade.

Identificando velhos sertões no livro, íamos, ao mesmo passo, sentindo que o tema versado não era também estranho. Já ouvíramos relato de história algo semelhante à romanceada por Oliveira Paiva. E, em consagrando maior atenção à leitura, conseguíamos identificar várias das personagens ali existentes."

E movido por uma suspeita baseada em indícios veementes, o infatigável pesquisador, sob o subtítulo **História romanceada, História documentada, Cenário, História, Personagens,** revolveu tudo quanto lhe foi possível para desvendar o mistério.

Livros, revistas, ofícios, jornais, relatórios, autos de inventário, livro de batizados e de óbitos, livros de casamento e de atas de sessões da Câmara Municipal de Quixeramobim, rol de culpados, relação dos presos da cadeia de Fortaleza, tudo compulsou o laborioso estudioso para conseguir realizar, enfim, uma aproximação perfeita entre o romance de Oliveira Paiva e o sombrio drama de u'a matrona sertaneja que mandou matar o marido na cidade de Quixeramobim, em 20 de setembro de 1853.

Além dessa sensacional descoberta, o infatigável pesquisador fornece dados de valor sôbre a origem e evolução histórica de Quixeramobim, não esquecendo o fim de todos os protagonistas do rumoroso crime, que chegou até ao conhecimento do imperador D. Pedro II.

Todos os personagens são identificados pelo laborioso analista. Carumbé, o perverso assassino, é Manuel Ferreira do Nascimento. O Cel. Quinquin, a vítima, é Domingos Vitor de Abreu e Vasconcelos. Secundino é o sobrinho do Cel. Quinquin, Senhorinho Antônio Ferreira da Costa Silveira é Francisco dos Santos do Nascimento e Naiú é, na realidade, Manuel Ferreira do Nascimento, vulgo Carumbé. D. Guidinha do Poço ou D. Margarida, é Maria Francisca de Paula Lessa, conhecida por Maria Lessa ou Maria de Abreu, que, depois de sofrer 20 anos de prisão, veio a morrer, em Fortaleza, na mais extrema pobreza, em 1889.

O caso do famoso romance de Oliveira Paiva, escrito, provàvelmente, entre 1890 e 1891, e reeditado recentemente, é o de uma senhora sertaneja separada do marido, que mandou matá-lo por um agregado de sua fazenda, contando com a cumplicidade de um sobrinho e dois empregados seus.

O romance termina com a prisão de D. Guidinha e de Senhorinho e de Carumbé.

Francisco dos Santos do Nascimento conseguiu fugir.

Senhorinho pegou quatro anos e oito meses de cadeia.

Carumbé fugiu e foi prêso em 1861, indo ao júri duas vêzes, mas se ignora que pena lhe foi aplicada.

Já houve quem comparasse, allás, com muito espírito, o papel de um historiador ao de um detetive. Pelo que conhece de um fato criminoso, o detetive procede a buscas, investigações, interroga pessoas, não desprezando nenhum indício, por mais insignificante que pareça. E, por isso, fica em condições de apresentar uma conclusão segura de tudo quanto viu e observou.

O historiador consciencioso procede de igual modo.

Daí se chamar o historiador de uma espécie de detetive do passado.

Foi o que Ismael Pordeus realizou sempre, mas, com especialidade, na sensacional revelação a respeito do célebre romance de Oliveira Paiva.

A sua descoberta despertou a mais viva curiosidade nos círculos intelectuais e sociais do Ceará.

A 16 de março de 1963 foi recepcionado na Casa Juvenal Galeno, sendo saudado pelo Dr. Saraiva Leão, em sessão promovida pela Dr.ª Henriqueta Galeno, notável incentivadora da cultura cearense, cujo falecimento recentemente ocorrido todo o Ceará deplora.

Êsse trabalho de Ismael Pordeus mereceu amplos comentários da imprensa local, especialmente artigos dos Drs. Saraiva Leão e Osvaldo Aguiar, tendo repercutido no Rio de Janeiro, onde saiu a respeito uma boa crônica de Rubens Falcão na edição do "O Globo", de 25-11-1963.

Bem merecia tudo isso êsse incansável e benemérito trabalhador que foi Ismael de Andrade Pordeus.

O seu nome e o de Oliveira Paiva estão para sempre ligados ao famoso romance **D. Guidinha do Poço.**

VI — CONCLUSÃO

Ismael de Andrade Pordeus ingressou no Instituto do Ceará em 25 de agôsto de 1955, juntamente com nove outros confrades.

Sempre assíduo aos nossos trabalhos, falava, freqüentemente, nas sessões, sempre trazendo comunicações interessantes e de alto valor histórico.

Tudo o que conseguia descobrir e investigar de mais interessante logo comunicava aos confrades, sendo um associado diligente e ativo, que recebia de todos os seus pares provas da mais alta amizade e estima.

Foi aqui, nessa convivência íntima e fraternal, que se estreitaram nossas relações de amizade.

Poucos dias antes de sua morte, mostrou-me Ismael Pordeus apontamentos sôbre um trabalho que estava realizando sôbre a família de Antônio Conselheiro. O Instituto do Ceará deve procurar êsse trabalho para publicá-lo, com o destaque que merece, por ser talvez a última contribuição de Ismael Pordeus para o estudo de nossa história.

A sua vida é um exemplo acendrado de civismo, de honra e de dignidade.

O Instituto do Ceará compartilha a imensa dor de sua família, pois sofreu também uma perda irreparável. E aqui havemos de continuar a obra de Ismael Pordeus, que sempre estará vivo em nossa saudade!